

Home

A lectio divina na tradição da espiritualidade cristã

...na lei do Senhor medita dia e noite...

Quem diz leitura, diz livro. Quem diz livro, diz - para o crente - Bíblia. Quem diz Bíblia, diz Palavra de Deus. Quem diz Palavra de Deus, anuncia o Deus vivo, o único que fala, e a fé neste mesmo Deus vivo. Quem diz fé no Deus vivo, diz o início da amizade entre Deus e o homem e isso é o cristianismo por inteiro: é fé na Palavra de Deus feita carne. Para desenvolver essa mesma fé, o cristianismo introduz a lectio divina como elemento essencial da sua espiritualidade. Pois se é verdade que a fé nasce, em primeiro lugar, não de um livro lido mas de uma palavra escutada, não de uma *lectio* mas de uma *praedicatio* (Rm 10,17), não de uma palavra escrita mas de uma palavra pronunciada com a força de um acontecimento sempre novo, também é verdade que o povo de Deus fixou por escrito a Palavra ardente e reuniu em livros os oráculos proféticos e que o Livro das Escrituras conserva na Igreja - como o vaso conservava na Arca o maná incorruptível - a Palavra de Deus incorruptível e sempre viva.

É necessário saber usar este livro para a própria salvação e não para a própria destruição, para encontrar o caminho para Deus e não para perder-se; mas que é necessário servir-se dele, que é necessário abri-lo e esmiuçá-lo é um facto incontestável para o crente.

Ou não é verdade que o crente experimenta de modo espontâneo no ardor da sua fé a estranha atracção que exerce este livro no qual se pode encontrar o Senhor que um dia se entrometeu no caminho da nossa vida e a quem nos entregamos totalmente?

Orígenes dizia: "O que é a conversão? Se voltarmos as costas a todas as coisas deste mundo e através do estudo, das nossas acções, do nosso espírito, do nosso esforço, nos consagrarmos à Palavra de Deus, se meditarmos a sua Lei dia e noite, se - esquecendo-nos de tudo - estivermos disponíveis para Deus e levarmos a sério os seus testemunhos... é isto que significa a conversão ao Senhor (*In Ex., hom. 12*).

Quem diz livro diz, para o crente, Bíblia.

A espiritualidade cristã não é senão a espiritualidade do baptismo vivida na lógica pascal que constitui o seu núcleo central. O movimento de conversão que nos afasta do pecado, da mentira, da futilidade, faz-nos necessariamente aderir ao Deus santo e verdadeiro, e é particularmente na sua Palavra que nós O encontramos. Converter-se, voltar-se para o Senhor significa portanto namorar com a sua palavra: «Quando as tuas palavras vinham ao meu encontro, eu as devorava; a tua palavra era a minha delícia e a alegria do meu coração» (Jer 15,16).

A abertura do Salmo 1 surge como o ideal místico de todo crente e é um motivo constante na pena de cada escritor cristão: «Feliz o homem que não segue o conselho dos ímpios nem se detém na via dos pecadores, mas antes se compraz na lei do Senhor e nela medita dia e noite!».

A nostalgia do crente, a "saudade" da hora em que conheceu Deus e ouviu a sua Palavra consistirá, como escreveu Orígenes, «em esquecer tudo e estar disponível para Deus» (*omnibus, Deo vacare*); o profeta Oseias exprime esta nostalgia de Israel em termos inesquecíveis: «Eu a vou seduzir, a levarei ao deserto e lhe falarei ao coração» (Os 2,16). A fé tende secretamente, por si mesma, em direcção a esta escuta do Verbo que é a Palavra substancial e beatificante do Deus vivo.

É claro que este movimento espontâneo da fé deve ser conjugado com a condição terrena que o obriga a um longo desvio e a uma infinita paciência. A maior parte dos cristãos em todo o mundo, abrem o Livro apenas em momentos muito raros, quando por um instante podem esquecer as preocupações da vida terrena e, então, *omnibus, Deo vacare*. E quando é que isto acontece se não cada semana naquele que é por excelência o dia do Senhor?

Vacare Deo: dedicar tempo a Deus, consagrar tempo a Deus é exactamente a função e o significado do Domingo no ritmo da vida cristã. Seis dias na semana são dedicados ao trabalho humano e às palavras humanas; o sétimo dia é dedicado ao Senhor e ao encontro com Ele, tanto na sua Palavra como na Eucaristia. Quando, segundo são Jerónimo (Ep. 22,35), a Regra de Pacóvio prescrevia aos monges «dedicar-se, cada Domingo, exclusivamente à oração e à leitura», não fazia senão aplicar em modo mais intenso à vida monástica aquilo que deve ser um ideal de cada cristão.

Mais precisamente: o que é aquilo que define e caracteriza os primeiros monges? O facto que para eles cada dia é Domingo! Não no sentido da abstenção do trabalho – neste aspecto os monges obedecem à lei universal do trabalho semanal durante seis dias – mas no sentido que o Domingo é sobretudo o tempo consagrado à leitura da Palavra de Deus. Os monges são aqueles que não aguentam sem alimentar-se continuamente desta Palavra, aqueles que procuram viver à risca, já aqui, aquilo que a sua conversão misticamente significa: o esquecimento das coisas do mundo

para abraçar apenas a Palavra de Deus. A lectio divina torna-se deste modo, desde os primórdios, a parte mais importante da organização monástica. Tomemos alguns testemunhos da obra de Denys Gorce, *La lectio divina des origines du cénobitisme à Saint Benoit et Cassiodore I*, Paris 1925.

S. Antão, pai do monaquismo

Santo Antão, o pai do monaquismo, pedia aos discípulos que vinham formar-se sob a sua orientação "orar com assiduidade, recitar os salmos antes de dormir e depois de acordar, ruminar no seu espírito os mandamentos da Escritura e conservar na memória os exemplos dos santos de modo que, mantendo a alma estimulada pelos preceitos divinos, pudessem imitar o seu zelo". (*idem* p.66)

A Regra de São Pacóvio:

"A meditação das Escrituras... é a seiva da grande árvore monástica, a pedra angular do edifício pacomiano e o alicerce da sua solidez. É o meio ascético por excelência para não perder de vista a Cristo nem sequer um instante durante o dia, e para conservar a sua presença durante a noite. O cenobita pacomiano é a realização da figura do justo, «que encontra a sua alegria na lei do Senhor e nela medita dia e noite»" (*idem* p.79)

Note-se como a Regra de São Pacóvio subordina à oração e à leitura qualquer outro exercício físico de ascese:

"É segundo o cânone da Igreja que jejuemos só durante dois dias, para ter forças e não faltar ao que nos é ordenado, isto é, a oração contínua, as vigílias, a meditação da lei de Deus"

(*idem* p.71-72).

São Jerónimo, num jeito muito pessoal, mas sob o exemplo destes Anciões, retomou o ideal de uma vida totalmente centrada na Palavra de Deus: o seu ensino em Belém, os seus trabalhos exegéticos não tiveram outro objectivo senão penetrar mais fundo na verdade desta Palavra. É este o seu desejo: «Que o sonho te surprenda com os livros na mão e, se a tua cabeça se abaixar pelo cansaço, caia sobre a página santa» (*idem* pg.55).

Mas não foram só os monges que se consagraram à lectio divina: bispos como Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Gregório Magno (papa) e muitos outros não tinham uma espiritualidade diferente.

O célebre monge Cassiano, no séc. IV, nos transmite a alegria que irradia uma tal espiritualidade:

"Recolhidas com delicadeza (as palavras sagradas), colocadas com atenção e etiquetadas nos compartimentos da alma, munidas do sigilo do silêncio, acontecerá com elas como com os vinhos de suave perfume que alegram o coração do homem. Envelhecidas por longas reflexões e estagiadas na lentidão da paciência, as servireis a partir do recipiente do vosso coração em jactos de flagrante bálsamo; como um xafariz que jorra sem parar, fluirão das veias da experiência e dos canais que expandem virtude; brotarão em rios inexauríveis do vosso coração como das profundidades da terra." (Jean Cassien, *Conférences H*, ed. E.Pichery, SC 54, Paris 1958, p. 201)

Finalmente a Regra de São Bento introduz a lectio divina na estrutura monástica e, assim, na espiritualidade de todo o Ocidente cristão: leitura comunitária no ofício, em particular nas completas e no refeitório e leitura pessoal aprox. três horas por dia.

(Texto original em «La lectio divina nella chiesa», in *Pregare la Bibbia nella vita religiosa*, Bose 1983 p. 7-10 oggi disponibile nella collana fascicoli Qiqajon n° 51 pg.1-5)